

Rocca di Papa, 21 de janeiro de 2004  
 (Roma, 31 de janeiro de 2004 – SERMIG – Sala Paulo VI)

### **A paz vencerá se dialogarmos<sup>1</sup>**

Caríssimos “Jovens da Paz”,  
 caríssimos amigos do Sermig,  
 hoje, vocês estão reunidos na Sala Paulo VI para se encontrarem com o Papa e refletirem juntos sobre a paz.

Como vocês sabem, muitos são os caminhos que os homens de boa vontade hoje percorrem para alcançar a paz. A própria obra do Sermig é um admirável exemplo disso.

Porém, o título desse encontro de vocês – “A paz vencerá se dialogarmos” – afirma decididamente que o caminho do diálogo é de extrema eficácia para se chegar à paz.

#### **Dialogar. O que significa dialogar?**

Significa encontrar-se, mesmo com pessoas de idéias diferentes, e conversar com tranquilidade e com sincero amor com o próprio interlocutor, a fim de procurar chegar a algum acordo que esclareça as incompreensões, que supere os atritos, as lutas, e que por vezes anule o ódio.

Hoje, porém, atuam-se modos especiais de dialogar, de acordo com as situações em que nos encontramos. A Igreja, de fato, seguindo as orientações do Concílio Vaticano II<sup>2</sup>, ensina quatro tipos de diálogo.

Trata-se do diálogo entre católicos no seio da própria Igreja; do diálogo entre cristãos de diferentes Igrejas; ainda, entre fiéis de diversas religiões e, por fim, do diálogo entre quem crê e quem não tem um referencial religioso.

Esses quatro diálogos, que juntos compõem um grande diálogo a 360 graus, se bem conduzidos, produzem um efeito magnífico: geram a fraternidade entre as pessoas, fraternidade na qual todas se amam, fraternidade que é a melhor garantia da paz.

Como podemos dialogar com pessoas tão diferentes, presentes em toda a parte, inclusive na Europa, pelos fluxos migratórios que caracterizam a época moderna?

<sup>1</sup> Mensagem gravada.

<sup>2</sup> Cf. GS 92;

Com as pessoas da nossa mesma fé, procuramos amar aqueles com quem temos contato, com o amor que o Evangelho ensina.

Com os cristãos de outras Igrejas nos comportamos de modo análogo (eles também conhecem esse amor evangélico), então se instaura a fraternidade e a paz, contribuindo, desse modo, para a pacificação e a reunificação das Igrejas.

Com os fiéis de outras religiões, como os judeus, por exemplo, com os muçulmanos, mas também com os budistas, hindus, sikhs, etc., procuramos colocar em prática – nós e eles – a assim chamada “Regra de ouro”, que está presente nos principais Livros Sagrados das várias religiões. Ela diz: “Faça aos outros o que gostaria que fosse feito a você”<sup>3</sup>, isto é, ame os outros.

Portanto, se nós amamos e eles amam, pois também a religião deles ensina isso, vemos também nesse caso a atuação da fraternidade, a paz.

Com as pessoas de outras culturas, sem um referencial religioso, podemos sempre nos amar, pois a palavra “amor” está inscrita no DNA de todo homem, criado por Deus que é Amor.

Caríssimos jovens,

mesmo se hoje muitas pessoas no mundo desprezam a sagrada realidade da paz, comecemos a viver esses quatro diálogos que abraçam qualquer homem ou mulher do nosso planeta.

Sintamos arder no nosso coração essa grande paixão pela paz e vamos comunicá-la a muitos outros.

Assim, na nossa hora, Jesus nos dirá: “Bem-aventurados vocês, construtores de paz... pois são chamados filhos de Deus”.

E que recompensa maior podemos esperar? Que título mais nobre do que este?

Chiara Lubich

Traduzione fatta alla Mariapoli Ginetta, rivista da Iracema Amaral, Ufficio Traduzioni, 31/03/2004 Nome file:
--